

Accueillir l'enfant aujourd'hui: La Maison Verte a 40 ans.
Actes du colloque de la Maison Verte
L'Harmattan, 2021, 190 págs.

Maison Verte, 40 anos depois: lugar de vida, lugar de palavra

*Maison Verte, 40 years later:
place of life, place of speech*

480

Victor Hipolito Mugerza*¹

Situando-se na encruzilhada entre a psicanálise e a educação, o dispositivo da Maison Verte foi pensado por Françoise Dolto e outros¹ pedopsiquiatras, psicólogos e psicanalistas da infância, bem como educadores, na esteira da constatação de que era *lamentável* ver chegar, aos seus 7, 8 anos, crianças que jamais haviam dispostos de um *cuidado* (Dolto, 2009, p. 319). Dessa constatação resulta o esforço de criação e elaboração de um dispositivo que subverte, em 1979 como ainda hoje, a lógica das políticas públicas de prevenção, operando-a não mais

*¹ Université de Paris (France).

¹ São eles: Marie-Hélène Malandrin, Colette Langignon, Marie-Noël Rebois, Bernard This e Pierre Benoît.

como um *fim* (ou um objetivo), mas como um *efeito* produzido em situação, no encontro sempre singular da criança, de seus pais e disso que pode surgir a partir desse contexto de acolhimento (Roy, 2021, p. 62).

Accueillir l'enfant aujourd'hui: La Maison Verte a 40 ans retoma, por meio do testemunho e das considerações de seus acolhedores, atuais e antigos, a história e as razões da criação do dispositivo, seu contexto, os problemas e adaptações encontrados, bem como apresenta e discute os pontos essenciais de seu funcionamento — suas premissas e efeitos. Ao longo do livro, encontraremos discutidas algumas noções operadoras fundamentais, como as de *anonimato*, *colegialidade*, *função terceira*, *transmissão psíquica inconsciente* e *o pensar infantil*. Cada um dos acolhedores vai, à sua maneira, reinterrogar as articulações e relações entre as dimensões que participam na prática dessa “aventura” que é inscrever a psicanálise na cidade: as dimensões do acolhimento, da socialização, da educação e da constituição do sujeito psíquico.

Consistindo na apresentação das atas do último colóquio da Maison Verte, realizado em 2019, o livro estrutura-se em duas partes: intervenções da manhã e da tarde, ambas seguidas das transcrições das discussões entre acolhedores e o público que se seguiram às comunicações. O colóquio foi aberto com a comunicação de Marie-Hélène Malandrin, última fundadora ainda viva, e contou, ainda, com a participação de dois acolhedores da *To Megalo mas Spiti* (Nossa Grande Casa), lugar de acolhimento inspirado pela Maison Verte e criado há sete anos em Atenas.

A acolhedora Anne Marie Canu relembra, em sua intervenção, que quase no fim de sua vida, Françoise Dolto afirmou que “o analista é a criança, a criança pequenina, antes da chegada da fala”. E pondera: “É talvez precisamente o que transforma a vida dos jovens pais” (2021, p. 46). Uma outra acolhedora, Léa Didier, indica que os pais, retornando em função da experiência da parentalidade aos seus próprios “começos”, não sabem o que lhes afeta com tanta intensidade — é que suas crianças vêm convocar e questionar suas próprias vivências infantis (p. 58). Frequentemente elas o fazem por meio de seus sintomas ou fixações de pontos de dificuldade em seu desenvolvimento. Essa leitura encontra-se na base da razão pela qual o dispositivo consiste num acolhimento disponibilizado a crianças de 0 a 4 anos recém-completados, acompanhadas de seus pais ou adulto com quem a criança sinte-se segura. Quanto à expectativa dos fundadores de evitar as *patologias psicossociais significativas* (*la grosse pathologie psychosociale*) por meio dos efeitos profiláticos do dispositivo, ela se devia à consciência que alcançaram

do fato de que este operaria num momento privilegiado pois decisivo na estruturação psíquica, identitária e subjetiva da criança.²

O dispositivo consiste, assim, na manutenção de um espaço de acolhimento e de escuta aberto, poroso aos fluxos rotineiros, familiares, da vida comunitária local. Os frequentadores podem ir e vir ao sabor de sua vontade, sem a necessidade de agendamento prévio, marcações de consulta etc.

Aberto todas as tardes de segunda a sábado, o espaço é sustentado por cinco trios fixos de acolhedores oriundos de formações diversas. Trata-se de um espaço livre para o brincar e para o explorar, local “intermediário” entre o íntimo da célula familiar e as primeiras socializações infantis, onde são acolhidas as *palavras* e os gestos, as hesitações e inquietudes, as angústias e temores, as questões, os sentimentos e as histórias dos bebês, seus pais e suas famílias.

Num tempo que sofre os efeitos de desativação do coletivo promovidos pela “nova razão neoliberal”³ (Dardot & Laval, 2010; 2019), lugares de acolhimento como a Maison Verte guardam hoje toda a sua pertinência como espaço de encontro, de escuta, de convívio, de socialização, de educação e de *paideia*⁴ (cidadania). Projeto inovador em 1979, ainda subversivo em 2022, a Maison Verte segue como uma referência para aqueles que concedem valor à palavra da criança, sustentando-a, defendendo-a e transmitindo-a. Ela é um lugar, sintetiza Christine Roy (acolhedora), onde podemos tomar o tempo para formular nossas questões, onde podemos formulá-la segundo nosso próprio ritmo (no respeito da temporalidade de cada um) (Carré, 2011).

482

² Se nos referirmos brevemente a algumas das elaborações psicanalíticas que discutem esse momento, constatamos que compreende: a entrada gradativa no circuito pulsional (Laznik, 2013); a operação do estádio do espelho e a formação da função do Eu (Je) (Lacan, 1949/1966); a constituição do mundo objetal tal como elaborada nos trabalhos de Freud (1915/2010) e Melanie Klein (1930); e, ainda, as sucessivas operações e inscrições das castrações simbologênicas teorizadas por Dolto, em suas relações com a inscrição da imagem inconsciente do corpo (1984).

³ Com toda incidência psicopatologizante que esse fenômeno pode promover. Cf. *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico* (Safatle, Silva Junior e Dunker, 2020).

⁴ Educação para a cidadania. Cf. a intervenção de Dimitri Weyl (acolhedor) (La Maison Verte, 2021, pp. 141-157).

Referências

- Carré, J.-M. (2011). *Grandir à petits pas* [Documentaire]. Les Films Grain de Sable.
- Dardot, P. & Laval, C. (2019). Anatomia do novo neoliberalismo. *Revista Instituto Humanitas Unisinos On-Line*. Recuperado em 18 maio 2022, de: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/591075-anatomia-do-novo-neoliberalismo-artigo-de-pierre-dardot-e-christian-laval>>.
- Dardot, P., & Laval, C. (2010). *La nouvelle raison du monde: Essai sur la société néolibérale*. Éditions La Découverte.
- Dolto, F. (1984). *L'image inconsciente du corps*. Seuil.
- Dolto, F. (2009). *Une psychanalyste dans la cité. L'aventure de la Maison Verte*. (Coleção Françoise Dolto). Gallimard.
- Freud, S. (2010). Os instintos e seus destinos. In *Obras completas* (Vol. 12, pp. 51-81). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1915).
- Klein, M. (1930). The importance of symbol-formation in the development of the Ego. *International Journal of Psychoanalysis*, 11, 24-39.
- La Maison Verte (2017). *Prévention, vous avez dit prévention?* (Coleção Études Psychanalytiques). L'Harmattan.
- La Maison Verte (2021). *Accueillir l'enfant aujourd'hui: La Maison Verte a 40 ans. Actes du colloque de la Maison Verte, 2019*. (Coleção Études Psychanalytiques). L'Harmattan.
- Lacan, J. (1966). Le stade du miroir comme formateur de la fonction du «Je» tel qu'elle nous est révélée dans l'expérience psychanalytique. In *Écrits* (pp. 93-100), Seuil. (Trabalho original publicado em 1949).
- Laznik, M.-C. (2013). *A voz da sereia. O autismo e os impasses na constituição do sujeito*. (Coleção De Calças Curtas). Ágalma.
- Roy, C. (2021, déc.). Je ne vais pas vous laisser!. *Santé Mentale*, 263, 61-64.
- Safatle, V., Silva Junior, N., & Dunker, C. (Orgs.) (2020). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Autêntica.

Citação/Citation: Mugerza, V. H. (2022, jun.). Maison Verte, 40 anos depois: lugar de vida, lugar de palavra. Resenha do livro *Accueillir l'enfant aujourd'hui: La Maison Verte a 40 ans*. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 25(2), 480-484. <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2022v25n2p480.12>.

Editora/Editor: Profa. Dra. Marta Regina de Leão D'Agord

Submetido/Submitted: 5.5.2022 / 5.5.2022 **Aceito/Accepted:** 20.5.2022 / 5.20.2022

Copyright: © 2009 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/ University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original authors and sources are credited.

VICTOR HIPOLITO MUGUERZA

Psicólogo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (Porto Alegre, RS, Br); Master em Psychopathologie Clinique Psychanalytique pela Université de Paris (Paris, France); Psicólogo clínico no CMPP de Morsang-sur-Orge e Fleury-Mérogis. Accueillant na Maison Verte.

131 avenue de Flandres

75019 Paris, France

victor.muguerza@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-8349-0356>

484



This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium for non-commercial purposes provided the original authors and sources are credited.